

ARTIGO DE REVISÃO

**Uma Corporeidade para a Naturologia:
problematizações e possibilidades**

**The Concept of Body in Naturology:
reflections and possibilities**

RESUMO

Neste artigo pretende-se refletir, apoiado na bibliografia “Uma Fenomenologia do Corpo” e “Corporeidades: Inspirações Merleau-Pontianas...” da autora Terezinha Petrucia da Nóbrega, acerca de novas possibilidades para a concepção de corpo no campo de saber da naturologia. OBJETIVO: Objetivamos apontar e ampliar o fazer e o saber corpóreo e sensível na naturologia, de forma a não reproduzirmos as concepções de corpo reducionistas ou dualistas ora vigentes no campo da saúde. MÉTODO: trata-se de uma pesquisa bibliográfica teórica-reflexiva, desenvolvida através de leitura sistemática e em profundidade da literatura da autora e de levantamento de artigos e pesquisas que trabalharam noções, técnicas e abordagens do corpo na naturologia. RESULTADOS/DISCUSSÃO: nas publicações da naturologia nos deparamos com compreensões sobre o corpo que perpetuam seu aspecto instrumental e biologizante, na qual o corpo se mostra mero receptáculo passível de aplicação de técnicas e ferramentas terapêuticas. A teoria da corporeidade proposta por Nóbrega nos permite considerar a fenomenologia do corpo, a experiência vivida, a estesia, e suas relações com o processo de conhecimento. CONSIDERAÇÕES FINAIS: sugere-se o aprofundamento dos estudos na literatura da autora, perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty e de seus interlocutores, que consideramos essenciais para aprofundarmos a reflexividade acerca do corpo e da corporeidade de forma a evitar o risco de a naturologia reproduzir os padrões instrumentalizadores do corpo, no campo da saúde.

Palavras-chave: Corpo. Corporeidade. Naturologia. Fenomenologia. Cognição. Epistemologia.



Nat. Luana Boffo Gouveia

- Graduada no curso superior de Naturologia na Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo, SP
- Especializada em Terapia Comunitária no Instituto Afinando Vidas
- Colaboradora do Centro de Estudos de Promoção da Saúde e Potencialização da Vida (CEPVIDA)

Nat. Nicole Cerulio Di Pietro

- Graduada no curso superior de Naturologia na Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo, SP.

Prof. Ma. Ana Cláudia Moraes Barros Leite-Mor

- Docente da Escola de Saúde da Universidade Anhembi Morumbi - SP
- Diretora Geral do Centro de Estudos de Promoção da Saúde e Potencialização da Vida (CEPVIDA)
- Naturóloga. Mestra em Saúde Coletiva pela UNICAMP. Especialista em Práticas Corporais da Medicina Tradicional Chinesa pela USP.

DOI: 10.19177/cntc.v9e16202037-49

CORRESPONDENTE:

Luana Boffo Gouveia.

luabgouveia@gmail.com

Recebido: 08/10/2020

Aprovado: 07/12/2020

ABSTRACT

This article will reflect on new possibilities of thinking about the concept of body in the field of naturology, based on “Uma Fenomenologia do Corpo” and “Corporeidades... Inspirações Merleau-Pontianas”, from the author Terezinha Petrucia da Nóbrega, as bibliography. GOAL: Our main goal is to point out and amplify the bodily and sensitive knowing in naturology, in a way where we stop reproducing reductionists or dualists conceptions of body, current in the health field. METHOD: It is a theoretical-reflexive research, developed by systematic and profound reading of the author’s work and other articles and researches regarding notions, techniques and approaches of the concept of body in naturology. DISCUSSION: In naturology publications, we come across body comprehensions that perpetuate its instrumental and biologist aspect, in which the body is seen as a receptacle of therapeutic techniques and tools. The theory proposed by Nóbrega allow us to consider the body’s phenomenology, its experiences, esthesia and relation with the knowledge process. CONCLUSION: Further study on the author’s bibliography and on Merleau-Ponty’s and his interlocutors phenomenology perspectives is suggested in order to deepen on the reflexivity regarding the concept of body, in a way we can avoid the risk of reproducing, in naturology, the instrumentalizing patterns of the body in the health field.

Keywords: Body. Corporeality. Naturology. Phenomenology. Cognition. Knowledge.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica teórico-reflexiva, que visou analisar a literatura da pesquisadora Terezinha Petrucia da Nóbrega e desenvolver possíveis contribuições para as noções de corpo e corporeidade na naturologia. Tal modelo de pesquisa surge pela necessidade de aprofundamento, compreensão e desenvolvimento teórico-conceitual destas noções, visto a condição ainda incipiente da discussão teórico-epistemológica na naturologia.

A naturologia parte da insuficiência do modelo biomédico em dar conta das problemáticas contemporâneas do campo da saúde e propõe um conjunto de conhecimentos em saúde plural, fruto do diálogo de diversas racionalidades médicas e saberes em saúde e, diferentemente do olhar biomédico-cartesiano, propõe, a partir da abordagem complexa, um olhar integral e multidimensional em saúde.

A proposta terapêutica da naturologia, denominada interagência, busca a promoção da autonomia e a horizontalidade na relação entre o cuidador e o ser cuidado. No campo da saúde biomédico o curso e atuação profissional são postos em uma relação hierarquizada do saber e a partir de normatizações do corpo e da saúde. O corpo assume um lugar

passivo, inerte, sobre o qual a consciência e o pensamento agem e o qual controlam. Segundo Lima (1):

Para a verdade médica dominante, o movimento humano é um padrão que se repete independente de seu autor, podendo ser medido, quantificado e qualificado como bom ou ruim, adequado ou inadequado, passível ou não de danos, segundo os desvios deste padrão. Sob essa mesma qualificação poderá ser mantido ou corrigido, simplesmente pela aproximação deste ao padrão proposto - considerado perfeito sob todos os aspectos e eterno sob todas as circunstâncias - porque assim o comprovam as experiências biomecânicas e cinesiológicas.

Foram muitos os questionamentos disparados nesta pesquisa: *como conceber a integralidade do corpo e da subjetividade humana, em detrimento do paradigma hegemônico no campo da saúde? Como concebê-la e reproduzi-la sem que sua complexidade seja apropriada pela lógica reducionista? A concepção de corpo da abordagem naturológica possibilita aos profissionais superar, na prática, o viés biologizante empregado ao corpo no campo da saúde? Nossos corpos sentados ora em salas de aula ora em clínicas de saúde, ora dissecados em laboratórios de morfologia humana... por quê vivenciamos sensivelmente nossos corpos tão pouco durante a formação em saúde?* Diante estes questionamentos e a constatação do déficit de publicações que tratam da noção de

corpo na naturologia, mostrou-se imediata a necessidade de aprofundamento teórico-reflexivo do tema em questão.

Em vista de conhecer o que já foi discutido na naturologia sobre o tema corpo, fizemos levantamento bibliográfico do período de 2000 à 2019 nas bases de dados Scielo, Bireme, LILACS, no periódico *Cadernos de Naturologia e Terapias Complementares* e no banco de dados de trabalhos acadêmicos de conclusão de curso da biblioteca da Universidade Anhembi Morumbi (UAM) com as palavras-chave Naturologia e corpo. Foram encontrados nove (2-10) trabalhos que empregaram o recorte naturologia e corpo, sendo que dentre eles há predominância de estudos com foco na consciência corporal através de técnicas que abordam diretamente o corpo enquanto ferramenta terapêutica. Os demais tratam de práticas terapêuticas nas quais o corpo aparece como objeto de estudo e/ou intervenção.

Estes trabalhos ora colocam o corpo no lugar de instrumento ora em um lugar de receptáculo, seja da observação do terapeuta, seja da técnica terapêutica. Ambas estas perspectivas, a instrumentalizadora e a passiva, mostraram-se nesta pesquisa como visões reduzidas da potencialidade da experiência corpórea, quando comparada com uma perspectiva de corporeidade fenomenológica, na qual o corpo é considerado o princípio epistemológico, a origem de toda possibilidade de conhecimento do mundo, racionalidade e saber.

Constatamos no levantamento bibliográfico que a noção de corpo, sua função no processo de saúde-doença, na construção do conhecimento naturológico e seu valor para a relação de interagência ainda são pouquíssimos explorados na naturologia. Também a relação de interagência, que é a base fundamental para a prática terapêutica naturológica, ainda necessita de aprofundamento e pesquisas que desenvolvam amplamente seu arcabouço conceitual (11).

Para problematizar e aprofundar estas questões, recorreremos neste estudo ao campo da filosofia, especificamente à pensadora e educadora brasileira Terezinha Petrucia da Nóbrega, que se baseia principalmente na literatura do filósofo fenomenológico

francês Maurice Merleau-Ponty. Pesquisadora há mais de vinte anos sobre a temática corpo e corporeidade, é considerada uma das mais fiéis intérpretes do Merleau-Ponty no Brasil (12). No presente projeto, foram utilizados alguns dos trabalhos de Nóbrega, recomendados pela mesma, que são *Qual o lugar do corpo na educação: notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo* (12), *Uma Fenomenologia do Corpo* (13) e *Corporeidades... Inspirações Merleau-Pontianas* (14).

Sua literatura apresenta o conceito de corporeidade como princípio epistemológico. Tal noção pressupõe que nossas relações com o mundo, a sociedade, a cultura e demais objetos são mediadas primordialmente pelo corpo, visto que somos seres encarnados, atados a um mundo no qual nos movemos (14). Nóbrega defende que a cognição humana e seus processos de conhecimento manifestam-se primeiramente a partir da experiência vivida na ação corporal; pressupondo a percepção como um acontecimento, um resultado contínuo, do movimento e não como mero processamento estático das informações neurais. Assim sendo, é neste contexto que o corpo assume a forma de condição existencial básica (14), sendo o mediador da experiência humana terrestre e o ponto de partida e chegada de toda e qualquer comunicação humana.

Nesse contexto, a biomedicina parece não problematizar sua perspectiva sobre o fenômeno corpóreo, baseada nas lógicas racionalista, mecanicista e intervencionista; não alcançando a complexidade e pluralidade contida no corpo. *Teria a primazia do corpo e sua linguagem sensível em relação com o mundo sido silenciadas pela supremacia do saber tecnicista biomédico?*

“Uma lacuna é um saber impensado” (14), sendo assim, compreendemos que pensar o saber corpóreo é fundamental no contexto das ciências da saúde; podendo contribuir na abertura de novas possibilidades de construção e compreensão da individualidade e subjetividade humana, juntamente com o desenvolvimento de uma escuta mais sensível para com as próprias necessidades e potencialidades do corpo. Dessa forma, pode ser uma alternativa que

possibilite o desenvolvimento da autonomia nos indivíduos e colabore positivamente com o saber teórico que embasa a relação de interagência.

Portanto, o presente ensaio busca propor teoricamente a possibilidade de um saber que abranja a comunicação sensível do corpo e suas significações, explorando o seu valor para a relação de interagência e sua proposta de promoção da autonomia. Não se trata necessariamente da elaboração de uma terapêutica-objetiva para a naturologia (uma vez que contestamos o viés tecnicista empregado ao corpo), como também não intencionamos fechar o campo de pensamento através de respostas que solucionem e concluam a questão levantada, mas sim abri-lo através da discussão teórico-epistemológico, expandindo as possibilidades reflexivas (13).

O CORPO CARTESIANO

Para pensarmos a teoria da corporeidade proposta por Nóbrega, faz-se necessário aprofundar-nos sobre os paradigmas aos quais o corpo e a consciência foram sujeitos. Focaremos no período moderno até os dias atuais, visto que é na modernidade que vemos o paradigma biomédico e cientificista tornar-se hegemônico. Os estudos anatômicos (séculos XVI e XVIII) provocaram modificações na compreensão dos corpos. Tais investigações guardam relações com a representação mecânica do corpo, sobretudo pelo olhar objetivo do funcionamento do corpo humano e de suas partes, cuja influência estendeu-se para o campo científico e educacional (14).

A medicina [...] não conta entre suas cadeiras de formação profissional com disciplinas que façam o futuro médico pensar o corpo, senão apenas dissecá-lo e provê-lo dissecado de sistematização. Sistematização e dissecação estas que servirão para conduzi-lo na sua incansável luta contra as doenças e tudo aquilo que possa afastar o corpo de sua normalidade, de sua higidez pré-estabelecida como o estado adequado ao modo de ser-se humano. (1)

Fisiologia e anatomia dividiram juntas as bases compreensivas do funcionamento do corpo e as chamadas ciências do vivo (biologia, fisiologia e bioquímica) produziram um conhecimento detalhado do corpo pelo método mecanicista. A redução do corpo em partes cada vez menores, denominada por Nóbrega

como corpo fragmentado, é oriunda do reducionismo característico do desenvolvimento técnico-científico. Esta proposta, originária do pensamento cartesiano, vem a culminar nas abordagens contemporâneas das ciências biológicas e da saúde, a que chamamos biomedicina ou paradigma biomédico.

Tal perspectiva biomédico-cartesiana colocam o corpo e os sentidos como elementos acessórios no processo de conhecimento (12). A dualidade corporeamente cartesiana nega os sentidos como forma de experiência sensível, pois estes podem ser ilusórios e, portanto, fonte de erros e enganos. Nesta perspectiva, a razão é a capaz de produzir o conhecimento e o corpo é considerado uma máquina regido por leis universais, tal como os objetos da física. Segundo Nóbrega (14), vários conceitos advindos das análises clássicas sobre o corpo, e influenciadas pelo cartesianismo, reduzem a dimensão do universo corporal ao conhecimento objetivo de suas partes, divididas em sistemas orgânicos tal como na biologia, ou reduzem o corpo a experiência psíquica que fazemos dele, tal como na psicologia.

Para a autora, ambas estas reduções modernas, largamente implicadas no campo da saúde, limitam as potencialidades inerentes à experiência corpórea do mundo.

O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

Na nossa contemporaneidade, emprega-se uma agenda intensa de pesquisa sobre o corpo que culmina numa rede de controle, cujo exemplo é a disseminação de um único estereótipo estético, que se perpetuou e difundiu-se através dos meios de comunicação de massa e das mídias eletrônicas.

Nesse sentido, a aparência e a preocupação com o visual do corpo é enfatizada, fazendo com que se crie uma rotina de cuidados, tratamentos, dietas e exercícios que sustente imagens idealizadas criadas sobre o corpo, que na cultura de consumo é visto como um veículo de prazer, sendo associado à ideais de juventude, saúde e beleza. Nesse contexto, a metáfora do corpo-máquina de descartes é sustentada pela constante manutenção do corpo e de sua performance (14), uma vez que as imagens propagadas

pelas mídias, suscitam a ideia de que nossos corpos necessitam de “reparos” ou “consertos” das partes para que atinjam um ideal de desempenho, onde identidade e subjetividade são submetidas à estética homogênea imposta.

Nóbrega afirma que tal qual a produção cartesiana do conhecimento sobre o corpo promove a mutilação e fragmentação dos sentidos e da percepção da sociedade para com a própria vida, sendo necessário buscarmos alternativas que reabilitem os sentidos. Considera que as intervenções biotecnológicas podem contribuir para a readaptação ou reconstrução de corpos mutilados, viabilizando a restauração de aspectos funcionais do corpo, porém, a adesão indeliberada à essas interferências pode apresentar riscos, no sentido de mutilar a identidade corpórea (14).

O CORPO EM MERLEAU-PONTY: A RUPTURA FENOMENOLÓGICA

Em contraponto ao racionalismo-cartesiano vigente, a Fenomenologia surge no princípio do século XX e traz em seu escopo a construção do conhecimento sobre o mundo a partir da dimensão experiencial, não fechando o campo dos saberes sob uma ótica puramente lógica e racional (14).

O método fenomenológico de Merleau-Ponty se configura na atitude de envolvimento com a experiência vivida, na intenção de compreendê-la (12). Não se configura enquanto representação objetiva do mundo, como a proposta cartesiana, mas sim como envolvimento que permite a experiência, a reflexão, a interpretação e a compreensão dos sentidos. Merleau-Ponty enfatiza a construção de novos conceitos que possam ampliar a compreensão da existência - a partir da experiência do mundo vivido (*lebenswelt*) e do corpo vivido - frente à fragmentação da análise científica clássica.

Na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, o corpo não se configura como um conjunto de partes distintas que se relacionam, não lhe cabendo uma análise única de cunho empírico e intelectual. Diferente do discurso linear, o autor apresenta uma análise existencial, “que considera o corpo a

partir da experiência vivida ou como modo de ser no mundo” (14). Nessa perspectiva, a divisão do corpo em partes e suas respectivas funções torna-se insuficiente para alcançar um conhecimento que faça jus à complexidade do funcionamento do corpo.

O trajeto da concepção de corpo não é linear e apresenta-se sob diferentes aspectos no decorrer da obra de Merleau-Ponty. Da perspectiva do corpo sujeito, como crítica ao modelo maquinico do corpo objeto (fragmento do mundo mecânico), à perspectiva da corporeidade, fundada na estesia do corpo, configurando a linguagem sensível, confirmam-se as dificuldades do pensamento causal, da dialética cristalizada e da consciência para traduzir a dinâmica dos processos corporais do ser humano, ao mesmo tempo em que anuncia novos arranjos para o conhecimento do ser e da experiência humana. (14)

Na fenomenologia da percepção elaborada pelo filósofo francês, a consciência está relacionada à experiência primeira de envolvimento com o mundo: a sensibilidade corpórea. Dessa forma, os processos cognitivos são dimensionados pelo corpo. Merleau-Ponty rompe com o racionalismo ao igualar a consciência à experiência vivida e ao colocá-la [a experiência vivida] como referência para a construção teórica.

Para uma experiência sensível da compreensão de percepção proposta pela fenomenologia, Nóbrega apresenta as pinturas de Seurat e Cézanne como metáfora para a multiplicidade que caracteriza os processos perceptivos. Nas pinturas de Seurat (Figura 1), a criação da pintura baseia-se em processos racionais de divisão do real, de forma que o conceito toma primazia com relação à experiência sensível da pintura. “Em contrapartida, as obras de Cézanne (Figura 2) seguem outro caminho, dando primazia a percepção sensorial e “reconhecendo nas sensações o paradoxo de sua pintura” (14). A autora busca, através da ilustração de diferentes compreensões artísticas, demonstrar a diversidade existente no campo da percepção, de forma que o diálogo da arte com a ciência oferece uma linguagem que propicia a compreensão de conceitos através da experiência sensível. A interpretação dos estímulos sensoriais oferece pistas para a compreensão da percepção de Merleau-Ponty:

A versão positivista da ciência compreende a percepção como uma resposta biológica causal que

não corresponde às sensações do corpo sem ser exclusivamente por meio do esquema estímulo-resposta. Nessa configuração, a sensação ocupa função instrumental no processo perceptivo da consciência, repassando os estímulos do meio de forma passiva ao sistema nervoso (14). Em contrapartida, para Merleau-Ponty a cognição está relacionada à atitude corpórea que se dimensiona através do próprio movimento, de forma que a impregnação de sentidos se faz pelo corpo, que cria diferentes possibilidades a partir da sua experiência vivida.

A percepção é afirmada então, a partir dos seguintes aspectos: o mundo percebido não é uma soma de objetos; o sujeito que percebe não é uma consciência que interpreta, decifra ou ordena a matéria sensível; toda consciência é perceptiva, depende da temporalidade e da cultura, fundo sempre pressuposto; a percepção não oferece verdades, mas presenças. A síntese que conduz o dado ao que não é dado é uma síntese prática, de transição; a significação não é da ordem do conceito, mas do corpo; a coisa percebida só é apreensível por perspectivas. O percebido é paradoxal: imanência e transcendência, o percebido não é estranho, mas comporta sempre um além do que está imediatamente dado, presença e ausência. (14)

Figura 1 - Women On The River Bank; Georges-Pierre Seurat; 1884-85

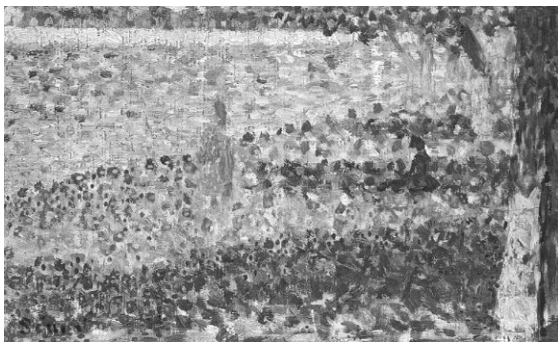


Figura 1 - Women On The River Bank; Georges-Pierre Seurat; 1884-85



A fenomenologia apresenta um espírito contemplativo no que toca a realidade, negando a apreensão de significantes definitivos e universais. Dessa forma, mostra-se como perspectiva potencialmente relevante para relativizarmos a perspectiva cartesiana no campo da saúde e da naturologia.

UMA TEORIA DA CORPOREIDADE

A teoria da corporeidade desenvolvida por Nóbrega baseia-se majoritariamente na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, mas também nos avanços da biologia e neurociência contemporâneos, derivamos dos estudos dos biólogos Maturana e Varela e do neurocientista António Damásio. Esta seção apresentará a teoria da corporeidade elaborada por Nóbrega e como ela se mostra uma possibilidade alternativa para a abordagem do corpo no campo da saúde.

As perspectivas pós-modernas procuram discutir o corpo (e sua relação com a mente) em busca de contrapor o corpo pacificado do cartesianismo. No entanto, de forma geral, reduzem a substância corpórea à substância espiritual ou recorrem à teoria do paralelismo psicofísico (14). Esta última assinala que a consciência e os processos nervosos se correlacionam, porém, suas variações não são necessariamente decorrentes de um processo causal entre ambos. Em uma parte das perspectivas, a multiplicidade da existência corporal é reduzida à sua existência espiritual e, do outro, persiste o dualismo entre corpo e mente, tal como na psicossomática.

Encontra-se na noção de corporeidade, especificamente a trazida por Nóbrega, a possibilidade de compreender a comunicação entre corpo e alma de forma a unificar a pluralidade da existência corpórea para além do paradigma cartesiano vigente.

A unidade contida na pluralidade da corporeidade, apresentada pela referida autora, sugere o caráter cognitivo da dimensão corpórea, apresentando o corpo como parte fundamental nos processos de produção de conhecimento. Essa teoria da corporeidade afirma que esta deve ser apreendida como unidade que engloba a pluralidade e que permite “compreender o corpo, não como justaposição de partes

distintas, mas para compreender ambos [corpo e consciência] como sendo um, expressando-se na corporeidade” (14).

A concepção estética proposta por Merleau-Ponty busca reconhecer a experiência sensível na existência humana, não restringindo-a ao campo estético das artes. A partir disso, visualiza-se novas perspectivas para o *logos* estético através da experiência sensível, sendo a corporeidade teoria fundamentante dessa epistemologia e nova racionalidade.

O sensível é substância componente do ser, parte de sua realidade, sendo parte constituinte inclusive nos processos de construção do conhecimento. Não se trata de mera aparência confusa e distorcida da realidade, objeto da matéria-física, qual deve ser revogado em prol da consciência. A realidade sensível constitui-se como síntese do movimento e da percepção e manifesta-se nos processos corporais.

A possibilidade dessa nova compreensão para com a construção do conhecimento carrega consigo as características da expressão humana ao nível da realidade sensível: profunda, incerta, imprevisível e aberta à diferentes interpretações. Possibilidade essa na qual conceito e vivência unem-se.

Dessa forma, a significação, o processo de atribuir sentidos, não imprime separação entre quem observa e o que é observado, entre expressão e expresso, entre ato e significação. A fenomenologia do sensível é marcada profundamente por essa compreensão. A atitude intelectualista que considera a separação entre pensamento e existência é criticada por Merleau-Ponty posto que corpo e mente, pensamentos e processos corporais, não se separam. Dessa forma, a linguagem relaciona-se com a expressão e vivência do ser no mundo (14). A fala é um gesto, uma atitude, que expressa a relação do ser com o mundo em que vive, com o seu corpo vivido. Mundo vivido que é aberto à diferentes significações.

Dessa forma, nossa condição humana é mobilizada através da organização e unidade entre a experiência sensível do corpo, os afetos (de que forma configuram-se as experiências) e a linguagem (por ser impregnada de sentidos individuais e coletivos). Portanto, buscar compreender a comunicação hu-

mana pelo viés racionalista e unidimensional, priorizando as perspectivas conceituais e lógico-formais, mostra-se insuficiente diante de fenômenos multidimensionais e complexos como são corpo e linguagem. Segundo Merleau-Ponty, como citado por Nóbrega (14):

É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo as coisas. Assim compreendido, o sentido do gesto não está atrás dele, ele se confunde com a estrutura do mundo que o gesto desenha e que por minha conta eu retomo, ele se expõe no próprio gesto.

A experiência sensível assume-se como noção orientadora para a construção epistemológica de Merleau-Ponty. O filósofo acredita que sempre haverá lacunas na compreensão da linguagem, porém, faz-se necessário viver a experiência para adquirir e atribuir sentidos às vivências. Dessa forma, o conhecimento do mundo é desenhado na experiência corporal, através da estesia dos gestos, dos afetos, da linguagem.

A teoria da corporeidade se apresenta como uma possibilidade de transpor as limitações da perspectiva cartesiana biomédica, visto que abre possibilidades de existências, relações e concepções teóricas de (com) um corpo sensível, ativo e criativo em qualquer processo terapêutico ou de cuidado em saúde. Conceber o conhecimento por esta outra via, a do corpo, pode revolucionar o fazer em saúde, acreditamos, para um lugar de maior potência de transformação, autonomia e sensibilidade, visto que a teoria da corporeidade permite o convívio dos diversos corpos existencializados em uma relação terapêutica, abrangendo a multiplicidade de sentidos e saberes que emergem do corpo e abrindo espaço para a comunicação entre os elementos que configuram esse universo complexo e multifacetado.

O CORPO NA NATUROLOGIA

Em vista de compreender como a noção de corpo é discutida nas produções acadêmicas de naturologia, realizamos um levantamento bibliográfico com as palavras-chave corpo e naturologia. A partir disso, foram encontradas nove publicações que nos auxiliaram na tarefa de contextualizar e situar tal discussão dentro do campo naturológico.

Visualizamos nestas publicações, embora cada qual com objetivos e metodologias próprias, duas propostas predominantes para com os corpos: o *corpo objeto*, submetido à técnicas e práticas com propostas terapêuticas e o *corpo fragmentado*, onde perpetua-se a compreensão dicotômica entre corpo e mente, matéria e espírito. Apresentaremos a seguir suas concepções e tentaremos estabelecer paralelos à teoria da corporeidade de Nóbrega.

CONSCIÊNCIA CORPORAL E EDUCAÇÃO SOMÁTICA

A Educação Somática ocupa grande espaço de discussão quando se trata do debate naturologia e corpo. Quatro (4, 6, 7, 9), entre os nove artigos encontrados, abordam uma ou mais práticas corporais enquanto técnicas que possam auxiliar, através da tomada de consciência do próprio corpo, no desenvolvimento de autoconhecimento.

A prática corporal mais citada e utilizada como referência para discussão é a Técnica Klauss Viana (TKV), presente na construção dos artigos de Oliveira e Oyakawa (7), Frugoli (4) e Ribeiro (9). Uma das perguntas comuns a estes trabalhos é: como a prática corporal pode ser utilizada como recurso terapêutico na naturologia? Evidencia-se o objetivo de propor e estabelecer recursos terapêuticos que auxiliem a naturóloga em seu fazer profissional no processo de interagência. A educação somática aliada aos preceitos da consciência corporal assume diferentes propostas e perspectivas, visando unanimemente, nos artigos em questão, proporcionar qualidade de vida. Nos trabalhos de Oliveira e Oyakawa (7) e Ribeiro (9), o conhecimento e experiência do corpo próprio são exaltados enquanto promotores de autoconhecimento e autocuidado, podendo colaborar na ampliação da propriocepção e estados de presença.

Frugoli (4), defende que “a tomada de consciência do próprio corpo emerge como o nível mais complexo e mais apurado para auto-organização do indivíduo, ecoando em sua integração com o meio” e apresenta técnicas de percepção óssea que atuam como proposta de educação postural, em vista de

promover saúde e estabelecer relações com o campo de conhecimento da Naturologia. Segundo o autor, a educação somática pode ser aplicada em diversos planos de tratamento através de aulas educacionais e dentro de consultórios, através do ensino de movimentos específicos considerados necessários para o interagente. (4)

Embora apresentem o corpo enquanto espaço criador, sensível e multidimensional, com base em diferentes referências e bibliografias, demonstra-se nos discursos destes artigos o aspecto instrumental reservado ao corpo. Um apontamento que podemos fazer, partindo da perspectiva de Nóbrega, é o de que predomina nestes trabalhos a proposta da consciência corporal por meio do conhecimento da anatomia e/ou de esquemas e modelos posturais considerados mais adequados, a não uma proposta que permita a proliferação de experiências corpóreas verdadeiramente criativas.

Outro contraponto, seria acerca da distinção conceitual dos conceitos corpo e mente (4, 7). Esta distinção assemelha-se à concepção de corpo-sujeito e corpo-objeto. Nóbrega (12) transpassará tal ideia dicotômica uma vez que apresenta o corpo enquanto um processo recursivo e dialético, sendo ao mesmo tempo (a depender da perspectiva) sujeito e objeto, observador e observado, pois o corpo toca e é tocado simultaneamente.

Ainda refletindo o campo da consciência corporal e da educação somática, Müller (6) apresenta uma perspectiva singular, com relação aos demais trabalhos e propostas teóricas, que se aproximam dos conceitos de estesia e corpo vivido apresentados por Nóbrega. A autora esmiúça as possíveis correlações e colaborações entre o método de preparação de atores de teatro, elaborada pelo ator e diretor teatral russo Constantin Stanislavski (1863-1938), com a formação e atuação da profissional em naturologia.

No sistema de Stanislavski, estimula-se o autoconhecimento por meio da experiência vivida e de estudos dos próprios processos criativos. Através de práticas de improviso, autorreflexão e um conjunto de exercícios, a técnica proporciona aos atores auto-

-observação e conscientização do corpo e de seus sentimentos e sensações. Trata-se de um artigo pioneiro por aproximar o teatro da naturologia, em busca de possíveis contribuições da formação artística para a formação terapêutica. Müller (6) afirma que este sistema se relaciona com a proposta naturo-lógica uma vez que:

A formação acadêmica do Naturólogo compreende abordagem teórico-prática, na qual os alunos passam a vivenciar experiências que estimulem a percepção dos conceitos propostos pela Naturologia (...), dessa forma é estimulado o processo de autoconhecimento do acadêmico, no qual o mesmo vai entrar em contato com emoções e sensações até então não percebidas.

Müller (6) percebe uma carência pertinente, percebida inicialmente também nesta pesquisa: *por quê vivenciamos sensivelmente nossos corpos tão pouco durante a graduação?* Tal discussão certamente está atrelada às noções de corpo empregadas na naturologia, que será esmiuçada ao longo da discussão deste artigo. Por hora, trabalharemos a segunda noção de corpo que aparece na bibliografia levantada.

O CORPO COMO INSTRUMENTO AVALIATIVO

Cinco (2, 3, 5, 8, 10) dos nove artigos levantados, propõem instrumentos de avaliação terapêutica a partir do corpo, seja por catalogação dos corpos, identificação de biotipos, técnicas de arte terapia ou percepção de alterações físicas por meio de ferramentas terapêuticas. De forma geral, o corpo é considerado um instrumento de aferição, de intervenção ou de análise, sendo receptáculo de diversas terapias ou do olhar diagnóstico do terapeuta. Esta perspectiva aproxima-se da lógica instrumentalista empregada ao corpo na área da saúde biomédica.

Eras e Santos (10) apresentam a postura corporal enquanto reflexo da subjetividade de cada pessoa, sendo esta carregada de valor semiótico e passível de compreensão por via da análise/interpretação do terapeuta. Este trabalho apresenta quatro padrões ou “tipos” corporais: o carente, o pesado, o rígido e o ideal. Sendo assim, seria possível diagnosticar e ler as mensagens conforme a estrutura do cor-

po físico e a pessoa se apresentam para o observador. Entendemos que esta proposta provoca uma massificação das subjetividades, visto que reduz os corpos à formas posturais e reduz as experiências subjetivas da própria corporeidade classificando-as e rotulando-as por suas formas anatômicas. Além disso, este trabalho descreve explicitamente o que seria o corpo ideal:

De uma forma ideal, o corpo é capaz de permitir o livre fluir de qualquer sentimento. É eficiente e gracioso em seus movimentos, consciente e receptivo a necessidades reais. Possui olhos brilhantes, respira livremente, a pele é macia e o tônus muscular elástico. (...) O corpo inteiro é desenhado eficientemente em relação à gravidade; isto é, uma posição ereta, não existe luta contra a gravidade. O prazer e o bem-estar são os sentimentos característicos. Uma pessoa com o corpo desta maneira, em equilíbrio, é emocionalmente flexível e seus sentimentos são espontâneos. (10)

Sendo assim, as proposições deste estudo demonstram-se contrastantes com as proposições do presente artigo, uma vez que colocam o corpo enquanto objeto passivo de análise por parte do terapeuta e resultante também passiva da própria personalidade dos indivíduos; negando a sabedoria e experiência de cada corpo vivido e os submetendo a análises definitivas e simplistas.

César (2) e Esteves (3) possuem no título de seus artigos a palavra instrumento, referindo-se à qualidade das práticas terapêuticas escolhidas - que envolvem a participação efetiva do corpo - para a naturologia. Esteves (3), propõe, por meio da técnica de arteterapia “silhueta corporal”, o contato com o corpo próprio através de uma representação artística e simbólica. Esta técnica visou proporcionar à pessoa assistida associações e elaborações sobre o seu próprio corpo e, conseqüentemente, de seus conteúdos internos. Esteves assume como premissa a causalidade estímulo-resposta entre corpo e mente: “[...] assim, uma doença manifestada no físico, provavelmente tem um fundo emocional, bem como um desequilíbrio emocional pode acarretar em um desequilíbrio físico” (3); nesse sentido, compreende o corpo como “forma de acesso e tratamento do indivíduo em terapia” (3), preconizando o uso da prática terapêutica e

seus resultados em vista de traçar planos de tratamento na clínica naturoológica. A ferramenta apresenta-se então como método de avaliação e intervenção em saúde e no corpo, ainda que invista na percepção corporal. Ademais, o corpo é concebido como mero meio de acesso ao indivíduo, formulação que difere da perspectiva deste estudo.

Os artigos de Kornin e Souza (8) e Faria (5), por sua vez, também não correspondem à perspectivas que ampliam as possibilidades corpóreas na naturologia, tal como a teoria da corporeidade nos propõe, visto que reproduzem um locus de passividade do corpo, tal qual a proposta hegemônica no campo da saúde. Kornin e Souza (8) realizam uma análise morfológica do corpo, da face e das mãos, em vista de “identificar o fator constitucional” de pessoas, segundo a Medicina Tradicional Chinesa. Já Faria (5), estuda de que forma o óleo essencial de Laranja Amarga (*Citrus Aurantium*) pode colaborar no tratamento dos sintomas de sobrepeso e obesidade. Encontra-se nas duas propostas o corpo sendo objeto de análise e de intervenções diagnósticas e avaliativas, de forma a manter-se “pacificado”.

NOVAS POSSIBILIDADES DOS CORPOS DA NATUROLOGIA

Diante da teoria da corporeidade de Nóbrega e das demais reflexões expostas, chegamos ao final deste artigo em busca de considerações que possam expandir as possibilidades de concepção do corpo e da corporeidade na naturologia, visto a ainda insuficiente discussão reflexiva sobre o tema e as perspectivas ainda reducionistas e normatizadoras das experiências corpóreas, observadas nos artigos da área. Nesta etapa de nosso trabalho vamos buscar refletir sobre as questões: *Estamos em busca de que concepção sobre o ser e saber corpóreo? Quais possibilidades as discussões empregadas neste trabalho abrem para as concepções de corpo e corporeidade na naturologia?*

Pensamos que o conceito de corpo na naturologia deve expressar e contemplar sua realidade profunda, incerta, imprevisível e com abertura para diferentes abordagens e interpretações. Corpo que não deve ser reduzido à modelos explicativos, à métodos de diag-

nósticos, pois estes restringem-se a uma determinada visão e tornam-se insuficientes. Dessa forma, tal como uma obra de arte, o corpo expressa sua configuração plástica e poética através de uma linguagem sensível, munida de afetos, sentidos e signos diversos que nos permitem uma “expressão apenas aproximada” (12).

Assim como o Autorretrato desenhado por Matisse não apresenta com exatidão o rosto do artista, o corpo objeto, aquele dos exames de sangue, dos raios x, das tomografias computadorizadas, das medidas antropométricas, da norma fisiológica não corresponde inteiramente ao corpo fenomenal, ao corpo vivido, sentido, sofrido, desejado, interdito. Por essa razão, parece-me que as técnicas educativas [e terapêuticas] precisam permitir essa modulação de sentidos, uma experimentação do sujeito na relação com o outro, com a cultura em direção à emancipação intelectual, afetiva e política. (14)

A teoria da corporeidade proposta por Nóbrega nos permite pensar novos caminhos para a naturologia e orientar a diversidade de saberes sobre o corpo e seus entrecruzamentos. Caminhos que transpassam o aspecto instrumental e localizacionista empregado ao corpo, que desafiam o tabu biomédico em sua busca por correspondências pontuais, objetivas e causais para validar-se. Por isso, reconhecemos a necessária “reabilitação dos sentidos” enquanto proposta de autonomia em saúde, podendo materializar-se através de novos investimentos na sensorialidade, em vista de resgatar a sensibilidade, a expressividade, a criatividade e a espontaneidade nos movimentos e capacidade de comunicação das interações.

Precisamos reconhecer-nos enquanto seres corpóreos, visto que esta é nossa condição existencial imprescindível. Como corpos, sujeitos encarnados atados à um mundo; não se trata de introduzir o corpo nos processos de conhecimento ou mesmo nos atendimentos em saúde, pois este já está inerentemente presente em todas as experiências. Trata-se de potencializar a natureza sensível do ser corpóreo, de forma a superar os condicionamentos cartesianos reducionistas ou dicotomizantes, nos quais as dimensões do “eu penso” e “eu sinto” aparecem diferenciadas e respeitam uma ordem hierárquica e dicotômica.

Sendo o corpo condição existencial, afetiva, histórica, epistemológica, como compreendemos na fenomenologia de Merleau-Ponty, precisamos admitir que o corpo já está presente na educação [e na clínica/terapêutica]. O desafio é superar as práticas disciplinares que o atravessam e reencontrar outras linhas de força. Desse modo, as aventuras pessoais, os acontecimentos banais ou históricos, a linguagem do corpo precisa ser considerada no ato de ensinar [e de cuidar]. (14)

Como formar um profissional atento e predisposto a experimentar a corporeidade na interagência e na educação em saúde? Seria a percepção da própria experiência vivida chave do verdadeiro aprendizado e do cuidado? Juntamente a Müller (6) entendemos que é imprescindível, para que possamos transpor as concepções e práticas reducionistas de nossas sensibilidades corpóreas, que haja um direcionamento para esta outra concepção de corporeidade nas vivências e experiências da formação profissional. Acreditamos que o processo de aprendizado, de leitura e de percepção da realidade do próprio mundo (ou o do outro) só é possível se valorizarmos a sabedoria inata, existente por trás da própria história que nos constituiu enquanto ser sensível-corpóreo. Assim, é possível associar teoria e prática, associar o que é lido/ouvido com o que é vivido. Por isso, por quê não incluir nas salas de aula e nos espaços terapêuticos, práticas e direcionamentos que atravessem nossos corpos, concebidos para além de receptáculos de técnicas ou de conhecimentos, e que possibilitem diversificar suas experiências sensíveis, assim como se constitui a própria vida? É preciso que exerçamos a capacidade de aprender quanto mais criticamente possível, que o processo de aprendizado seja ativo, e que o espaço de formação profissional possibilite a experiência ampla da corporeidade, para que estas experiências possam se reproduzir no fazer profissional, de forma a possibilitar que a naturologia transpasse o direcionamento biológico e reducionista do campo da saúde.

Os processos de autoconhecimento e autocuidado parecem inerentes à proposta naturológica, uma vez que esta atua clinicamente com estes propósitos. Neste locus, é preciso que o processo de explicação do mundo

coexista com o processo de experiência do mundo, ou seja, que o autoconhecimento e o autocuidado não partam de um discurso explicativo dos fenômenos de saúde e adoecimento, mas da própria experiência destes processos, que partam do mundo vivido experienciado na corporeidade. Neste sentido, é necessário investir no cuidado deste que virá a tornar-se cuidador, para que as educandas, aspirantes a naturólogas, vivenciem a interagência enquanto interagentes. Tal experiência, pode ser capaz de propiciar a produção de sentidos próprios à naturóloga, possibilitando que seu conhecimento seja encarnado e passível de ser compartilhado de forma autêntica, criativa e não mecanizada.

Para além da diversificação das práticas e experiências corporais na formação em saúde e na naturologia, este estudo nos mostra que, para que possamos transpor os condicionamentos mecanicistas, reducionistas e biologizantes empregados ao corpo no campo da saúde, é necessário investir em disciplinas que estimulem o exercício de reflexão, da criticidade e da “curiosidade epistemológica” (15) tal como a fenomenologia, as artes, a filosofia, a sociologia e etc. Somente tal direcionamento pode ser capaz de formar profissionais não reduzidos ao saber tecnicista, normatizador dos corpos e corporeidades próprios e daqueles que cuidamos. Observamos que a naturologia, ao se validar como saber e prática de saúde, sofre pressão para adequar-se a este *modus operandi* e somente uma postura reflexiva, crítica e de resistência, quanto ao saber biologizante hegemônico, é capaz de manter espaços abertos para que nossa corporeidade possa ser explorada e potencializada.

Por fim, acreditamos que a naturologia deve assumir o lugar de explorar espaços outros, que incentivem cada vez mais o contato da filosofia com o *mundo de toda a gente*, tal como propõe Nóbrega “à necessidade de a filosofia dialogar com a cultura, com a experiência vivida, com a história e com outras formas de produção do conhecimento, como a ciência e a arte.” (12). Acreditamos na naturologia que propõe, tal como a filosofia, uma *maneira de reaprender a ver o mundo* por meio da experiência vivida, da arte, da cultura, do contato constante com questões pertinentes à vida, à expressão das próprias emoções e da própria corporeidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das publicações levantadas, constatamos que a concepção de corpo ainda é pouco explorada no campo de saber da naturologia, uma vez que não existem pesquisas nesta área que explorem teoricamente tal conceito. Não foram encontrados artigos que abordam o corpo enquanto princípio epistemológico, explorando sua dimensão cognitiva e perceptiva, atuante nos processos de construção do conhecimento, como proposto pelas reflexões de Nóbrega. As perspectivas sobre o corpo que foram encontradas nos artigos, a de corpo-objeto como receptáculo de técnicas e a que persiste na dicotomia psicossomática, restringindo-se à um entendimento fragmentado sobre o corpo, mostram-se limitadas quando assumimos as noções de corpo e corporeidade desenvolvidas por Nóbrega e seus interlocutores. Mesmo os trabalhos que desenvolveram propostas de educação através do corpo mostraram-se limitantes de nossas experiências sensíveis, quando objetivaram explícita ou implicitamente a adequação à determinados modelos e esquemas corporais, tidos como mais satisfatórios ou saudáveis. Observamos que nestes casos, o corpo ainda não foi concebido como parte fundamental no próprio processo de aprendizado ou cuidado e, tampouco, foi admitida as suas capacidades intrínsecas de atribuir sentidos e significados às experiências vividas por meio de sua dimensão sensível.

As publicações que abrangem de alguma maneira a consciência e a percepção corporal, o fazem a partir de uma viés ainda marcado pela dimensão racional, apresentando técnicas que propõem essa experiência a partir do conhecimento anatômico do corpo ou de esquemas posturais propostos por de-

terminadas técnicas, não necessariamente enfatizando sua dimensão lúdica e sensível, ou buscando explorar sua atuação nos processos perceptivos.

Nestes sentidos, a noção de corporeidade proposta por Nóbrega, mostra-se como uma perspectiva potencial para ampliarmos o fazer e o saber corpóreo e sensível na naturologia, de forma a não reproduzirmos as concepções de corpo reducionistas ou dualistas ora vigentes no campo da saúde - uma vez que as técnicas e ferramentas terapêuticas utilizadas na naturologia podem ser facilmente submetidas a uma perspectiva intervencionista. Tal risco é exatamente o que se busca evitar com a proposta da interagência como relação terapêutica. No entanto, se não problematizarmos continuamente a interagência e as demais noções que permeiam a construção teórico-prática da naturologia, tais como as noções de corpo, terapêutica, cuidado, etc., incorremos no constante risco de sermos absorvidos no *modus operandi* hegemônico do campo da saúde.

Tais reflexões, que emergiram no decorrer da pesquisa, têm como objetivo fomentar esta discussão na naturologia, de forma a contribuir com sua construção teórica e desenvolver embasamento teórico-prático para a atuação destas profissionais. Dessa forma, quanto às noções de corpo e corporeidade, sugere-se o aprofundamento na literatura de Tereziinha Petrucia da Nóbrega e na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, que consideramos essenciais na experimentação e compreensão do corpo; bem como em outros autores que venham a contribuir para que as perspectivas reducionistas das potencialidades corpóreas no campo da saúde venham a ser transpostas.

CONFLITOS DE INTERESSE

Não declarado.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Não declarado.

REFERÊNCIAS

1. Lima JA. Movimento Corporal - A Práxis da Corporeidade [dissertação de mestrado]. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas; 1994.
2. César LS. O mapa do corpo como instrumento de avaliação em Naturologia: um estudo de caso [trabalho de conclusão de curso]. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi; 2008.
3. Esteves BJ, Katekaru, K. Técnica da silhueta e escuta corporal como instrumento de ampliação da percepção corporal e contato com a visão simbólica. *Cad. Naturol. Terap. Compl.* 2016; 5(9):23-35.
4. Frugoli GC. A Naturologia e o uso de técnicas de consciência corporal de percepção óssea [trabalho de conclusão de curso]. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi; 2014.
5. Faria AC. Os efeitos do óleo essencial de citrus aurantium no tratamento de sobrepeso e obesidade. *Rev. Bras. Med. Fam. Comunidade.* 2012; 7(1):67-67.
6. Müller KS. Aproximando Teatro e Naturologia: A formação do ator em Stanislavski e a formação do naturólogo. *Cad. Naturol. Terap. Compl.* 2017; 6(10):111-119.
7. Oliveira J, Oyakawa KO. Naturologia e Técnica Klaus Vianna: Possíveis caminhos de interação [trabalho de conclusão de curso]. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi; 2013.
8. Kornin A, De Souza J, Tao Y. Chang ti: identificação do fator constitucional através de uma análise morfológica segundo a terapêutica tradicional chinesa, com os moradores do bairro Canto da Lagoa - Florianópolis. *Cad. Naturol. Terap. Compl.* 2017; 4(7):11-19.
9. Ribeiro LMF. Consciência corporal e Florais da Amazônia na melhora da autoestima em mulheres [trabalho de conclusão de curso]. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi; 2016.
10. Eras LC, Santos TR. Postura Corporal: Uma reflexão na Óptica da Naturologia [trabalho de conclusão de curso]. São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi; 2009.
11. Fonseca SN, Ischkanian PC, Silva AE. Contribuições da naturologia para a autonomia do interagente. *Cad. Naturol. Terap. Compl.* 2017; 6(11):45-58.
12. Nóbrega TP. Corporeidades: Inspirações merleaupontianas. Natal: Editora do IFRN; 2016.
13. Nóbrega TP. Qual o lugar do corpo na educação: notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. *Educ. Soc.* [online] 2005; 26(91):599-615.
14. Nóbrega TP. Uma fenomenologia do corpo. São Paulo: Livraria da física; 2010.
15. Freie P. À sombra desta mangueira. São Paulo: Olho d'água; 1995.